



PARA TONI

Alexandra Gouveia Dumas (ETUFBA/PPGCULT/UFS)

Um corpo largo pra caber muitos abraços. Um riso farto pra nos mostrar o movimento dinâmico da vida, que mesmo com seus percalços, diz que a vale bem a pena gastá-la vivendo... Eu poderia me prolongar em frases curtas, aproximadas de uma auto-ajuda escancarada. Porém, muito mais do que para uma auto, acho que essas frases, pra falar de você, Toni Edson, são mesmo de caminho de mútua ou muita ajuda. Pois trocas e emissão de coisas boas, era o que seu corpo emanava pro mundo. Muito, aliás, é uma palavra bem apropriada pra me remeter a você, sobretudo pra falar de riso, seriedade, criatividade, solidariedade, afeto. Desse muito e tanto que eu posso identificar na sua vida e no seu corpo, pra mim, teve um “pouco” que marcou sua estadia aqui na terra. Falo do pouco tempo, pois eu queria ainda ter muito mais dias e oportunidade para trocar contigo: ideias, trabalhos, projetos, sorrisos, aprendizados, festas e afetos. Eu nem sei bem como iniciou esse percurso de nossos encontros. Mas sei que o teatro, as festas de rua, os encontros pretos, a academia, foram espaços que nós usamos pra gente trabalhar e também pra muito se divertir. Fui da banca de seu doutorado quando tive a chance de percorrer seus passos de pesquisa e aprender muito sobre os djeli. E depois desse ritual de finalização desse seu ciclo, muitos outros se abriram. Percorremos um caminho imenso envolvendo Aracaju, Laranjeiras, Salvador e Maceió. Boa parte desse tempo de deliciosa convivência foi, oficialmente, de trabalho. Mas, trabalhar com você me fazia sentir que brincar, partilhar e fazer arte, pode estar em tudo e era você que trazia tudo isso pro nosso labor. No PPGCULT, partilhamos um semestre bem gostoso de aulas. Você foi membro da banca do meu primeiro orientando de mestrado e da primeira orientanda, ambos do PPGCULT. Ah! E numa desses encontros de aula, tomei um susto quando você revelou, diante dos alunos e alunas, que eu era uma referência pra você. Achei até que era uma peça que você queria me pregar. Me senti engraçadamente envelhecida, e honrada, pois a reciprocidade era uma via explícita desse respeito e admiração. Foi você que me fez aprender mais sobre memória, oralidade, africanias, sobre Sotigui Kouyaté, sobre os djeli, me apresentou coisas de música e sobre o viver em riso e leveza. Seu nome apareceu há poucos instantes como destinatário de uma mensagem que enviei



ao PPGCULT e vi que em letras garrafais você se declarava TONI VIVENTE e no Instagram você assinava TONI DISCÍPULO. Uma pessoa que se declara um ente em vivência e se coloca no lugar permanente do aprender, só pode ser gente grande como você, gente necessária para o mundo. Mas, parece que você deve ser mesmo um ser disputado. Muitos mundos desejam e precisam de você. E assim, criei essa historinha pra confortar meu coração diante da sua inesperada partida. Imaginei você contando para nós, numa grande roda, a história da sua partida, mas dessa vez você era o personagem principal. Essa cena podia começar com a sua entrada, você vestido com uma das suas belas roupas africanas, e antes mesmo de te avistar totalmente na roda da cena, já receberíamos, ao longe, o belo impacto do seu canto em voz grave, com uma música feita por você na noite anterior, uma letra que cantava a África, a vida, com um refrão contendo um valioso ensinamento... E, sei que, uma história contada por você, ainda que falando de sua partida, você daria um jeito dela ser bonita. Mesmo com tanta dor que ainda toma conta de mim, Toni, na assistência da história da sua partida, tenho certeza de que você me ensinaria algo precioso. E assim, tenho construído esse final de ciclo. Sua história não acaba, mesmo você indo... Depois da contação desse fim, te vejo saindo de cena com o seu pisar intenso e maciona vida e, mesmo de costas, sinto o seu leve sorriso, imagino o seu corpo em travessia e esperando o encontro de “alguém” pra receber seu abraço aconchegante. E a plateia? No meio dela, eu olho pro seu partir ouvindo muitos aplausos de agradecimento a tudo que foi assistido. Na roda, eu também estou te aplaudindo e enxugando um pouco das lágrimas que insistem em revelar o meu entristecer... Mas, as histórias continuam, inclusive as suas... Suas músicas ecoam e sei que um tempo mais tarde, essa dor de agora vai virar saudade e memória. E reassistir e re-contar as suas histórias, vai ter o sabor delicioso de reviver o seu existir.

Alexandra

**TONI EDSON:
UM ATOR SERGIPANO NEGRO QUE MERECE A ESCUTATÓRIA**

Denio S. Azevedo (PPGCULT/DTUR/ANTUR/UFS)

“Cada encontro com Hassane e Toumani Kouyaté, me fizeram repensar minha prática, escutar meu trajeto e investir em algo meu, no qual eles tocam profundamente” (SANTOS, 2016, p. 78).

Esse escrito é uma pequena homenagem a um grande ser humano. Alguém que vivenciou os seus sonhos no planeta Terra e foi contar histórias em um palco com uma luz que se assemelhava a sua, uma estrela. Para realizar essa tarefa carregada de muita emoção foi preciso abusar da memória e praticar a escutatória. Lembrei de Silvio Caldas, cantando “Chão de Estrelas”, para visitar os palcos iluminados por onde Toni Edson Costa Santos levou a sua luz. O chão salpicado de estrelas deixou marcas na vida de diferentes pessoas. Ouvimos algumas dessas, como os seus irmãos e o seu melhor amigo. Mas é o próprio Toni Edson que embasa essa narrativa. Recuperamos entrevistas, lives, cantos, contos e alguns escritos para contar um pedacinho da história de vida desse contador de histórias.

“Tem um ditado burkinabe que diz que se você sabe de onde você veio, você consegue chegar a outro lugar. Se você não sabe de onde você veio, é melhor você voltar, é melhor você se reanalisar”. O nosso personagem central repetiu essa reflexão diversas vezes, em diferentes espaços para grupos distintos. A sua relação com as Américas vinha das suas raízes com os ameríndios. O ser negro estava diretamente vinculado ao universo africano. Conheceu países e residiu em algumas cidades no Brasil, mas o seu lugar era Sergipe. Da live ao lattes, ele fazia questão de se reconhecer como ator negro sergipano ou um ameriafrocontista de Sergipe.

Nasceu em Aracaju, capital do Estado de Sergipe. Filho da dona de casa, Maria da Costa Santos e de um oficial da marinha, que se tornou taxista, Edson Costa Santos. Sua infância foi marcada por muita brincadeira. Quando Toni Edson nasceu, já existia o seu irmão mais velho, Edson e viu nascer o seu irmão mais novo, Robson. Toninho, chamado dessa forma carinhosa por sua família, era fascinado por livros e brinquedos. Fazia coleção de livros. Era fera no videogame. Virava



noites lendo e brincando. Gostava de cantar, dançar e contracenar. Seu irmão Robson nos conta que ele “desde pequeno ficava horas brincando sozinho, criando histórias. Aprendeu a ler muito cedo e adorava revistas em quadrinhos”. Ainda criança Toni já inventava histórias e contava para ele mesmo. Seu irmão Edson afirma: “Eu chamava de brincar de doido. Ele narrava as próprias histórias, fazia todas as vozes. Claro que algumas crianças fazem isso, mas Toni era diferente. Ele ficava horas brincando assim”. Quem conviveu com o Toni adulto vai perceber a importância pessoal e profissional da infância na vida dele.

Muito inteligente, destacava-se como excelente aluno. Seus boletins demonstram as notas de um aluno aplicado. Porém, seu melhor amigo, Diego, ressaltava que Toni gostava de tirar uma soneca em sala de aula. Os seus hábitos noturnos não permitiam que ele descansasse o suficiente para as aulas do outro dia. Na escola, já se destacava como líder da turma. Era muito querido pelos amigos. Extremamente simpático, tinha um coração de ouro, e não sabia dizer não. Ele estendia a mão para auxiliar quem precisasse das suas habilidades.

Toni estudou no Grêmio Escolar Graccho Cardoso. Lá, ele conheceu Ítalo de Carvalho Lemos, meu vizinho. Tínhamos um grande amigo em comum. Foi na fase da adolescência que conheci Toni. Agradeço a Ítalo essa possibilidade de encontro com esse ser de luz. Tempos depois nos reencontramos como professores do Programa de Pós-Graduação em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe – PPGCULT/UFS.

Aos 10 anos, Toni já fazia paródias. Aos 11 anos, estava nos palcos da vida. Aos 12 anos, escreveu a sua primeira letra de música. “As minhas composições vêm de estímulos da sociedade”. No final da década de 1990, surgiu um dos mais sensíveis, engajados e politizados contador de histórias. Sabia da força e da resistência das oralidades pulsante na diáspora, dos ameríndios e dos cantos e contos populares no Brasil.

Inicia a sua trajetória de contador de histórias com os contos indígenas. Tornou-se um dos grandes pesquisadores dos contos africanos e de contos populares brasileiros. Estimulado pelo irmão Edson, chegou a fazer testes para a Academia Militar das Agulhas Negras. Foi aprovado em quase todas as etapas para ser piloto, reprovou no teste de visão. Aos 17 anos, iniciou o curso de Direito da



Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Nesse momento, sentiu de forma mais profunda o preconceito. Um jovem, nordestino, negro e umbandista, lutou com todas as armas a grande guerra do preconceito no Brasil, mas percebeu que o curso de Direito não era o seu caminho.

Foi dramaturgo, diretor, compositor, cantor, autor e ator de forma autodidata. Foi licenciado em artes cênicas (UDESC), mestre em Literatura Brasileira (UFSC) e doutor em Artes Cênicas pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade federal da Bahia (PPGAC/UFBA).

Em suas memórias de infância ficou o registro dos cantos de sua mãe, uma das grandes influenciadoras dos diálogos estabelecidos entre os contos, o teatro e os cantos. Toni dizia: “Ela cantava nos corredores, ela cantava cozinhando e esse gosto pela música foi despertado em mim”. O canto estava na labuta e no lazer. Em uma entrevista para o Ecoa Uol, Toni afirmou que lembrava que, “inclusive, ela não acertava a letra de muitas músicas, mas cantava cada palavra com tanta certeza que eu só fui descobrir que a letra não era aquela depois de muitos anos”

Cantar era um exercício cotidiano. Inclusive, de Jair Rodrigues a Aguinaldo Timóteo, parte do seu repertório inicial foi elaborado a partir do que ouvia da sua genitora. Toni aprendeu com Salia Traoré, representante do povo Burkinabê, que “a canção é a forma mais vasta da palavra. É a forma mais vasta de se utilizar a palavra”. Toumani fala que as canções normalmente são ensinadas pelas mulheres, djelimuso, nas famílias de contadores. Além disso esse djeli diz que “se você quer uma história bem contada, a coloque na boca de uma mulher” (KOUYATÉ, 2013 apud SANTOS, 2016, p. 156). Segundo ele, quando falamos, colocamos para fora nossa mãe (a palavra) e se elas são as depositárias das canções, as músicas cantadas são encobertas de grande valor.

Quando iniciou a sua formação acadêmica, ressaltou a importância da Professora Keu Apoema em sua trajetória. “É uma pessoa que me inspira até hoje em todos os meus processos”. Esta é uma das grandes responsáveis pela aproximação com os contadores de história de Burkina Faso. Em uma das suas pesquisas nesse país no final de 2011, Keu Apoema conseguiu registrar cerca de 80 histórias populares, traduziu 16, e concedeu a Toni a honra em fazer a direção de um trabalho intitulado Ziri-Ziri, baseado nessas histórias.



Em um curso feito com Hassane Kouyaté, Toni ouviu que “o conto é como um trem e os instrumentos ou a melodia da palavra são como um trilho, um suporte, aonde o trem vai andar em cima”. Essa relevância que a música dá a melodia era trazida para as aulas de teatro e de contação de histórias do Prof. Toni. “Por isso, nas aulas, cantamos muito, cantamos nossas infâncias, cantamos nossas angústias, agradecemos cantando, refletimos cantando e cantamos, em sala de aula e na rua” (SANTOS, 2016, p. 156). Os contos se tornam os cantos da oralidade. Os cantos estão presentes na essência dos seus contos. Os cantos saíram de casa e foram para as rodas nas ruas, nas praças, nos cantos e canteiros da história.

Toni era um artesão das palavras. Os seus saberes e fazeres estavam rodeados de cantos. A sua atenta escutatória gerou um narrador da rua. A oralidade era algo tão importante na formação de Toni, que ele realizou a experiência de ministrar aulas sem passar pela palavra escrita. Não existiam textos escritos em algumas de suas turmas. Recuperava contos, cantos, músicas e histórias da infância dos discentes e comparava com o que ouviu da cultura mandinga, por exemplo.

As vivências e as experiências que teve com os brilhantes contadores de histórias que conheceu em Burkina Faso, tais como: Bakari, Djenba, Sita, Amnata, Minata, Seydou Sano, Aichatou, Alasid, Salif, Floppy, Metán, Narcise e Habib Dembele, além do convívio com os Kouyaté, Tintin Kouyaté, Toumani Kouyaté, Hassane Kouyaté, Soundjata Kouyaté, Souassaba Kouyaté e Sotigui Kouyaté, transformaram a vida pessoal e profissional de nosso personagem central. Toni entendia que o contador de histórias precisa, antes de qualquer coisa, escutar aquilo que estava falando. Se a gente não se escuta, fica muito difícil escutar o outro. Escutar a si mesmo está na essência de quem se propõe a narrar algo. Para Toni seria fundamental conhecer o quintal para entender a casa, conhecer a sua cultura para entender as práticas de outros grupos sociais. Quando entende e absorve o que conta é possível aguçar os diferentes sentidos, fazer (re)viver, (re)memorar, criar imaginários, despertar o interesse da escuta e a curiosidade pelas narrativas melódicas.

A oralidade é ancestral. A oralidade nos pertence. Ela foi levada para aldeias indígenas como a Wassul Cocal ou para um terreiro de religião afro-brasileira como a Casa de Ilê Axé Yapanádomim Ofaquerún Raizes Legionirê. Porém, a grande sensibilidade do Prof. Toni, era perceber as



possibilidades de diálogos, escutas e aprendizados nestes espaços. Era uma troca. Uma roda de compartilhamentos entre todos os presentes.

Pedi aos entrevistados que descrevessem Toni com palavras. Alegria, amor, sabedoria, coragem, realização, prozador, professor e pai definem o ser Toni para eles. Casou com Tulani aos 27 anos. Pai de duas almas maravilhosas, Akil Jahari, 14 anos, e de Jamal Jahari, 9 anos. Ser pai foi mais um sonho realizado por Toni. Seu amigo Diego nos diz que Toni: “sempre conseguiu manejar com dedicação e entusiasmo a sua paternidade. Foi um grande pai. O amor sempre deixou Toni conectado aos seus filhos”. Quando perguntei ao seu irmão Edson como ele poderia definir o Toni pai, ele respondeu: “lembro do livro Uma Vida para seu Filho – Pais Bons o Bastante, de Bruno Bettelheim. Toni sempre teve uma preocupação muito grande em ajudar os filhos a serem o que eles quiserem ser”.

Quando perguntei a Diego como era a sua amizade com Toni, ele respondeu que era uma relação de irmão. Então perguntei a Edson e Robson como era o Toni irmão. “Era uma parceria de pura confiança e amor”, afirmou Robson. Já Edson ressalta que apesar da distância éramos muito próximos. Eu senti muito quando fui para Florianópolis com 17 anos e o deixei em casa sozinho aos 11 anos. Ele nunca falou isso, mas acho que sentiu muito a minha ausência. Mas como ele tinha muitos amigos, isso o ajudou. Eu o admirei/admiro muito. Lembro que quando ele tinha uns 10 anos eu pedi para ele ler e resumir “As veias abertas da América Latina”, do Eduardo Galeano. Em uma semana, ele tinha lido e escrito um resumo de dez páginas. E que resumo. A forma como ele entendia conceitos complexos com idade tão tenra era assustador.

Ambos ressaltam momentos de convivência com Toni. Nessas memórias é possível ouvir as fartas gargalhadas, ouvir Robson tocando violão e Toni cantando e apreciar Edson e Toni dançando. Se eu fosse escrever e contar a minha história, começaria com os três irmãos viajando, dividindo o mesmo apartamento, andando de pernas de pau em alguma praça do mundo, abraçados, cantando o repertório de Dona Maria e escutando as histórias de Toni. “Bonita história não” (SANTOS, 2014, p. 16).



Nosso querido Toni também passou por momentos difíceis em sua caminhada. Sofreu um grave acidente, foi atropelado enquanto andava de bicicleta em Florianópolis, o que trouxe dúvidas sobre a continuidade das suas atividades artísticas. Sofreu muito com o fim do seu casamento e com o falecimento de seu pai.

O ecletismo musical marca a trajetória de Toni. Samba, Jazz, Forró, MPB e Pop estavam na playlist dele. Robson diz que quando escuta “Geni e o Zepelim”, na voz de Chico Buarque, lembra logo de Toni. Edson afirma que “Toni é a Ópera do Malandro”. Vale ressaltar que essa obra é escrita por Chico Buarque, baseada na Ópera dos Mendigos, de John Gay e na Ópera dos Três Vinténs, de Bertold Brecht e Kurt Weill. Todos autores apreciados por Toni. Outro destaque é que Geni também está na Ópera do Malandro. Essa relação de Toni com os grupos sociais menos favorecidos está nas suas diferentes narrativas. A ideia de justiça social está presente em sua trajetória.

Dentre os seus sonhos, Toni gostaria do reconhecimento das suas composições por artistas consagrados da Música Popular Brasileira, tais como: Chico Buarque e Chico César. Queria que os seus escritos chegassem ao grande público. As suas mensagens poderiam ser absorvidas por um grande número de pessoas. Ele também queria fazer outras pessoas sonharem com os seus contos. Toni viveu os seus sonhos e gostaria que outras pessoas também vivenciassem. A contação de histórias era o meio de transporte mais adequado para inspirar os imaginários de um mundo melhor, mais justo e menos desigual.

Força Campeão!!! O meu alô de hoje é para você. Suas histórias, suas memórias, seus ensinamentos, seus contos e seus cantos continuarão sendo alicerces para a transformação social. Toni Edson está presente em diferentes círculos, nas casas e nas ruas. A sua oratura transformará palavra em ouro. “É ouro! É ouro! Oba!”.

Referências

SANTOS, Toni Edson Costa. **Inauguralidade Ancestral**: a oratura de transformar palavra em ouro! Oba! Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli. Crato, v.3, n.1. Jun, 2014. p. 3-16.

SANTOS, Toni Edson Costa. **Narrativas na Rua**: da inspiração Djeli às rodas de histórias em Maceió. Salvador, 2016. (Tese de Doutorado em Artes Cênicas do PPGAC da UFBA)